

CAVANDO RAÍZES

Evolução dos modelos rituais e da teologia da ceia eucarística nos Padres da Igreja

Nivaldo Feliciano Silva
Antonio Sagrado Bogaz*

* O Artigo é resultado do estudo realizado pelos estudantes Adilson José Ribeiro; Alejandro Cifuentes Flores; Antônio Carlos de Camargo; Cláudio da Conceição; André Roberto R. Zolin; Antonio Pereira Sobrinho; Arnaldo Begnami; Augusto César Bezerra Silva Soares; Augusto Rodrigues de Matos Junior; Celso Vieira da Cruz; Geraldo Camilo de Resende; Gerardo Oviedo; Edinson Dávila Canãs; Gilson da Silva Neves; Lindomar Felix da Silva; Manuel Galván Vargas; Márcio Damiano P. Alves; Renato Permagnani; Rodrigo Augusto de Souza; Ronaldo Sabino de Pádua; Sandra Regina F. Silva; Wagner Luciano de Souza Ribeiro; Wander Oliveira Andrade; Willian Alves Paiva no Seminário de Teologia Litúrgica sob a orientação dos professores N. F. Silva e A. S. Bogaz.

Resumo:

Os aa. buscando fontes de dinamismo para a celebração eucarística, percorrem o caminho das origens da Igreja e sua liturgia. A visita aos textos fundantes parte da Didaqué e suas descrições de bênçãos e reconciliação do dia do Senhor, e passa pelas cartas de Inácio de Antioquia e sua preocupação com a genuína fé cristã em tempos de polêmicas. Justino, em seus escritos, além de apresentar os rituais do Batismo, delinea os elementos básicos da teologia da Eucaristia e suas implicações. Irineu de Lião, dentro do clima do debate gnóstico, apresenta a dimensão cristã da Eucaristia. Hipólito de Roma, com a obra Tradição Apostólica busca universalizar um modelo de celebração eucarística e divulga partes da celebração eucarística que são o modelo influente até hoje, além de falar da experiência do Batismo e da missa dominical. Cirilo de Jerusalém, com suas catequeses, apresenta já com alguma consistência a idéia da transubstanciação e a diferença radical da Ceia do Senhor e outros rituais veterotestamentários. De Ambrósio de Milão recolhe-se a sua teologia sacramental e a sua implicação na liturgia e teologia eucarísticas. Por fim, Agostinho de Hipona apresenta em seus Sermões uma teologia sofisticada a respeito da relação da Eucaristia e a comunidade eclesial. Exortações pastorais são acrescentadas com o objetivo de dinamizar a liturgia eucarística atual.

Palavras-chave:

Eucaristia: patrística; Eucaristia: rituais; Eucaristia: história

APRESENTAÇÃO

As comunidades celebrem a Ceia do Senhor com perseverança e com coerência! Nem sempre é assim, mas deveria ser. Nem sempre o ritual propicia alegria e muitas vezes são irritantes e desanimadores. A cada reflexão, repetimos que a Ceia é o centro da vida cristã, mas muitas vezes excluimos pobres e fiéis, pois nossas exigências são algumas vezes arrogantes e farisaicas. Mas não deveria ser assim, sobretudo se pode ser diferente. Pode ser muito diferente pois, apesar das experiências negativas ou desacreditadas, são tantas as experiências agradáveis. Caso contrário, nossas comunidades não teriam marcado presença nas celebrações por longos séculos e em tantos lugares do mundo. Não obstante, certos presidentes e equipes de celebração não dedicam os seus melhores dons para presidir e celebrar a Ceia Eucarística.

Descobrimos que para reconhecer a riqueza deste ritual sacramental em suas variações e dimensões teológicas, é importante visitar os *sites* das comunidades primitivas que, nos primeiros momentos da vida cristã, celebravam o evento eucarístico a partir da partilha do pão e do vinho na Ceia derradeira, vinculada à auto-oferenda de Jesus, como mártir do Reino de Deus.

Assumimos esta tarefa árdua e agradável como um grupo de estudos e realizamos em mutirão esta retrospectiva. Os textos que foram visitados pertencem ao patrimônio dos Padres da Igreja e de suas comunidades. São considerados importantes como experiências do encontro de fé, mediado pelas espécies eucarísticas. Apresentamos, pois, a síntese destes textos importantes para fecundar mais profundamente este ritual em nossas comunidades cotidianas e dominicais.

O termo *cavando raízes* tem o propósito de revelar este trabalho de reconhecer a evolução dos modelos rituais e da teologia da Ceia Eucarística nos Padres da Igreja.

Nosso referencial de pesquisa é a teologia e o ritual do *Missal Romano*, buscando suas correlações e desvendando caminhos de dinamização, inculturação e criatividade em nossas celebrações. Não basta afirmar que o Cristo está presente e que é uma convicção de fé, melhor é sentir esta presença e partilhar suas exigências.

Era domingo. Naqueles tempos, aos domingos, nas calçadas e na ruas de nossas cidades, de nossos bairros e de nossos campos, nos deparávamos com pessoas bem vestidas, com roupas domingueiras, roupas de domingo, como se diz, rostos bonitos, camisas e vestidos bem passados e famílias de mãos dadas. Em alguns lugares, com bíblias nas mãos, em outros, pequenas bolsas ou pequenos livros. Por vezes, casais abraçados, a mãe carregando a criancinha-bebê e o papai carregando os meninos ou meninas. Em alguns trechos, os meninos mais crescidinhos caminham sozinhos e os pais descansam os braços. Depois quando se cansam as crianças, seus pais as carregam nos braços.

Esta é uma cena bucólica, carregada de poesia, de recordações. Parece que estamos lendo um diário dos tempos passados. Mas a cena se repete em nossas cidades, nossos bairros, nossos campos e nas periferias. Em carros ou caminhando, mães sozinhas e mães acompanhadas. Algumas vezes, pais sozinhos, outras tantas, os avós carregam as crianças. Tantas vezes, os jovens chegam com seus violões, os adultos em par e tantas vezes sozinhos. Muitas vezes, estas procissões desordenadas acontecem nos dias de semana, na hora do almoço na cidade, na hora da Ave-Maria, no final do trabalho. Ao anoitecer, com o badalar dos sinos, nos pequenos lugarejos.

Domingo é dia do Senhor. Dia de culto, dia de ceia e dia de descanso. É um dia privilegiado para conhecer a Palavra do Senhor. Quase sempre, porém, é domingo. E como se diz: domingo é dia de missa. *Domingo é dia do Senhor, é dia de missar e missionar.*

A comunidade se encontra para celebrar. Todos os cultos levam a Deus. Mas vamos falar da comunidade cristã que celebra a Eucaristia na tradição dos apóstolos. Celebramos a Eucaristia, tão conhecida dos fiéis, pois celebram por longos anos, décadas e mesmo séculos. Este ritual remonta à ceia do Senhor, narrada pelos evangelistas e por Paulo e perdura até nossos dias. Entre evoluções e involuções, a ceia foi codificando e decodificando sua própria identidade. Celebramos a ceia do Senhor, a fração do Pão, a ceia eucarística, o sacrifício do Cordeiro e tantos nomes que foram identificando a ceia ao longo da história da liturgia cristã.

O Ritual que celebramos pertence à tradição cristã da Igreja de Roma, que foi sendo elaborado nas comunidades que celebravam os sacramentos, entre eles, naturalmente, a ceia do Senhor, conforme encontramos codificados nos *Libelli* e nos *Sacramentários*. Este ritual encontra sua elaboração em vários passos, nos vários séculos, unindo experiências religiosas, ex-

pressões culturais, códigos lingüísticos e visões religiosas e cristãs. Por certo, a referência é sempre o evento da Ceia do Senhor, celebrada por Jesus com seu discipulado, e a autodoação da Cruz, culminando na fascinação da ressurreição.

Qual a origem deste ritual e como ele foi se elaborando em seu rito e na sua teologia, ao longo dos primeiros séculos? Por vários séculos, o ritual e a teologia da Ceia Eucarística foram sendo elaborados e compostos pela tradição como forma de fazer memória e atualizar na partilha do pão e do vinho o mistério pascal.

Queremos reconhecer a ceia eucarística como fonte de unidade e de encontro de fé e de amor na comunidade. Por meio de testemunhos — escritos e experiências — procuramos apreender o significado deste ritual de fé e de vida. Um caminho para o aprofundamento do conhecimento deste ritual e sua teologia é trilhar a evolução do rito, focalizando os textos e os contextos deixados por alguns — dentre tantos — Padres da Igreja e as comunidades primitivas.

O título — *Cavando raízes: Evolução dos modelos rituais e da teologia da Ceia Eucarística nos Padres da Igreja* — quer expressar a tradição que relata a forma de celebrar e viver esta ceia memorial.

Nosso objetivo é identificar no ritual atual da Ceia Eucarística como se apresenta no Ritual Romano, os elementos da tradição apostólica em alguns autores mais significativos. Com esta identificação, poderemos contribuir com as comunidades para que celebrem com maior profundidade, dinamismo e criatividade; para ver a riqueza fecunda do mistério pascal vivenciado na Ceia Eucarística. Este caminho em retrospectiva nos permitirá, em comunidade, valorizar e inculturar os rituais eucarísticos e redimensionar, onde se fizer necessário, a sua mística e a sua teologia.

Nossa retrospectiva tem um ponto de partida efetivo: os textos bíblicos que narram e significam a Ceia Eucarística. A seguir, esta retrospectiva procederá a algumas visitas fundamentais aos primeiros escritos do período apostólico, ou seja, a Didaqué e a obra de Inácio de Antioquia. Destacaremos a participação dos fiéis e a dimensão da partilha das espécies eucarísticas e dos próprios bens. Nas décadas seguintes de nossa caminhada, visitaremos a experiência de Roma, testemunhada por São Justino, e a das Gálias, revelada por Santo Irineu, que demonstram além de tudo a dimensão sacrificial.

Bem mais elaborada, porém, é a descrição de Santo Hipólito, que na passagem do segundo para o terceiro século, na tradição ocidental, apresenta um ritual bem definido com suas

orações elaboradas que servem de base para o Ritual Romano atual. A visita ao *site* de Cirilo de Jerusalém é excelente nesta retrospectiva para conhecer o significado misterioso destes rituais e de sua mística. Evidencia-se a presença real de Jesus Cristo, que se revela ainda mais profunda nos textos de Santo Ambrósio de Milão sobre os sacramentos e os mistérios.

Aprofunda-se e se explicita nesta retrospectiva a concepção da presença real, que se identifica filosófica e teologicamente como transubstanciação, que nos escritos de Agostinho, que escreve seus *Sermões* aos catecúmenos, adquirem uma significação mais ampla.

Acreditamos que esta visita às fontes dos rituais da Ceia Eucarística, seus textos e contextos, nos possibilitará uma vivência mais coerente, uma ritualização mais dinâmica e uma mística mais elevada deste sacramento da presença divina e da partilha fraterna. Com isso pretende-se superar as práticas rituais tantas vezes monótonas, repetitivas e estéreis, conquistando os meios para celebrar e vivenciar este magnífico encontro entre Deus e seu povo, na mediação do Cristo e do Espírito, numa comunidade eclesial.

1. A DIDAQUÉ E AS PRIMEIRAS BÊNÇÃOS DA CEIA EUCARÍSTICA

¹ Trata-se de uma coleta de material antigo, cujo manuscrito foi descoberto em 1883 e ditado por Filoteo Bryennios, metropolitano da Nicomédia. Admite-se entre os estudiosos que este documento foi compilado entre os anos 90-100, na Síria, ou em Antioquia. Alguns defendem a tese da data próxima da metade do século II. Cf. DIDAQUÉ, *O Catecismo dos Primeiros Cristãos para as Comunidades de hoje*. Petrópolis, Vozes, p. 13.

A Didaqué¹ é um dos testemunhos primitivos mais antigos referente à vida da Igreja e à celebração eucarística. Trata-se do mais precioso manual de instrução cristã da comunidade primitiva que conhecemos até hoje, e que durante muitos séculos permaneceu desconhecido pela comunidade eclesial. Nesta pesquisa focaremos a atenção nos aspectos relacionados à Eucaristia, em especial à ceia eucarística.

1.1. As primeiras orações de bênção sobre o pão e o vinho

Uma leitura atenta dos capítulos 9 e 10 da *Didaqué* mostra-nos a existência de algumas das primeiras orações de bênçãos sobre o pão e o vinho, nos textos litúrgicos destinados para a celebração da comunidade:

No que concerne à Eucaristia, celebri-a da seguinte maneira: primeiro sobre o cálice dizendo: Nós te bendizemos (agradecemos), nosso Pai, pela santa vinha de Davi, teu servo, que tu nos revelastes por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos! Amém. Sobre o pão a ser quebrado: Nós te bendizemos (agradecemos), nosso Pai, pela vida e pelo conhecimento que nos revelastes por Jesus, teu servo; a ti a glória pelos séculos! Da mesma maneira como este pão quebrado pri-

meiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti tua igreja (assembléia) em teu reino; pois tua é a glória e o poder pelos séculos! Amém. Ninguém coma nem beba de vossa Eucaristia, se não estiver batizado em nome do Senhor. Pois a respeito dela disse o Senhor: Não deis as coisas santas aos cães! (Capítulo 9).

Mas depois de saciados, bendizei (agradecei) da seguinte maneira: Nós te bendizemos (agradecemos), Pai santo, por teu santo nome, que tu fizestes habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que tu nos revelaste por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos. Amém. Tu Senhor, Todo-poderoso, criaste todas as coisas para a glória de teu nome e, para o gozo, deste alimento e bebida aos filhos dos homens, a fim de que eles te bendigam; mas a nós deste uma comida e uma bebida espirituais para a vida eterna por Jesus, teu servo. Por tudo te agradecemos, pois és poderoso; a ti, a glória pelos séculos. Amém. Venha tua graça e passe este mundo! Amém. Hosana à casa de Davi. Venha aquele que é santo! Aquele que não é (santo) faça penitência: Maranató! Amém. Deixai os profetas bendizer à vontade (Capítulo 10).

Analisando esses textos nota-se que o autor da *Doutrina dos Apóstolos* usa o termo *eucaristia*, mas parece que não há uma referência alusiva ao conteúdo específico da Eucaristia cristã, ou seja, a morte e ressurreição de Cristo, o memorial da Páscoa, o corpo e o sangue de Cristo,² oferecidos pela salvação da humanidade. Percebe-se claramente que o eixo teológico-ritual da celebração está centrado no agradecimento a Deus.

Assim, agradece-se pela revelação de Deus em Jesus Cristo,³ pelo alimento simbolizado no pão a ser quebrado e partilhado entre os membros da comunidade⁴ e pelo conhecimento.⁵ Igualmente, pede-se pela unidade da Igreja que se encontra espalhada por toda a Terra,⁶ bem como chama-se à atenção dos fiéis sobre a necessidade do Batismo como condição necessária para participar da Eucaristia. Observa-se também que a maneira como estão postas as invocações parece sugerir o sentido da celebração. Uma dinâmica ritual dialogada que possibilita à comunidade celebrante uma participação consciente. Senão, vejamos, por exemplo:

(Presidente) *Venha tua graça e passe esse mundo.*

(Povo) *Amém.*

(Presidente) *Venha aquele que é santo! Aquele que não é (santo) faça penitência: Maranató!*

(Povo) *Amém.*⁷

² Cf. J. ALDAZÁBAL, *Eucaristia*. In BOROBIO. D. (Ed.), *A Celebração na Igreja*. São Paulo, Loyola, 1993, vol. 2, p. 208. Veja-se também: A. S. BOGAZ — BROCCARDO, *Ceias Sagradas*. ESPAÇOS, 8 (2000), pp. 49-69.

³ Cf. DIDAQUÉ, *O Catecismo dos Primeiros Cristãos para as Comunidades de hoje*, op. cit., 9, 2.

⁴ Idem, 9, 3.

⁵ Idem.

⁶ Idem, 9, 4.

⁷ Idem, 10, 6.

⁸ Cf. L. MALDONADO, *La plegaria eucarística: estudio de teología bíblica y litúrgica sobre la misa*. Madrid, BAC, 1967, pp. 339-349.

⁹ Idem.

Embora o conteúdo teológico-ritual desses capítulos apontem para a prática de uma celebração eucarística, existe entre os estudiosos uma diversidade de opiniões.⁸ No entanto, apesar das divergências interpretativas, constata-se a presença de *algumas orações de estrutura judaica, mas com conteúdo cristão, que podem ser consideradas como anéis de junção entre as bênçãos do povo de Israel e o que se desenvolverá logo em seguida como oração eucarística cristã*.⁹ Nota-se ainda, em ambos os textos, uma preocupação em unir a oração à unidade da Igreja. Com isso, percebe-se também o zelo apostólico em relação à conscientização e à vivência de uma espiritualidade unificadora, que visa integrar fé (*lex credendi*), oração (*lex orandi*) e vida (*lex vivendi*).

1.2. A Eucaristia dominical: reunião de reconciliados

O documento *Didaqué* nos apresenta um testemunho claro a respeito não somente da Eucaristia, mas também do domingo cristão:

*Reuni-vos no dia do Senhor para a fração do pão e agradecei (celebrai a eucaristia), depois de haverdes confessado vossos pecados, para que vosso sacrifício seja puro. Mas todo aquele que vive em discórdia com o outro não se junte a vós antes de se ter reconciliado, a fim de que vosso sacrifício não seja profanado. Com efeito, deste sacrifício disse o Senhor: em todo o lugar e em todo o tempo se me oferece um sacrifício puro, porque sou um grande rei — diz o Senhor — e o meu nome é admirável entre todos os povos.*¹⁰

Esse texto nos oferece um testemunho do domingo como dia da convocação eucarística da comunidade cristã. O uso insistente do termo *sacrifício* parece querer sugerir uma compreensão da Eucaristia como o verdadeiro sacrifício da comunidade cristã.¹¹ Outro dado que merece consideração é a importância dada à *reconciliação* como indispensável para a participação na ceia eucarística.

2. INÁCIO DE ANTIOQUIA, A EUCARISTIA É SINAL DE UNIDADE ECLESIAL

Nessa abordagem procuraremos retratar aspectos da teologia de Inácio de Antioquia¹² referente à Eucaristia entendida como sinal da unidade eclesial. Embora nossa pesquisa vise descobrir a evolução dos modelos rituais e da teologia da Ceia Eucarística, percebeu-se que o testemunho de Inácio não tem uma preocupação com uma proposta ritual para a sua celebra-

¹⁰ Cf. DIDAQUÉ, *O Catecismo dos Primeiros Cristãos para as Comunidades de hoje*, op. cit. 14, 1-3.

¹¹ Cf. J. ALDAZÁBAL, *Eucaristia*, op. cit., 208

¹² Inácio foi bispo de Antioquia no final do século I e começo do século II. Sofreu o martírio na cidade de Roma, durante a perseguição de Trajano. Tudo indica que ele conheceu pessoalmente os Apóstolos Pedro e Paulo. Escreveu sete cartas dirigidas a várias Igrejas, dentre elas escreveu aos cristãos da Igreja de Esmirna. Suas cartas constituem uma preciosa documentação sobre a Igreja Primitiva, seus fundamentos teológicos e sua constituição hierárquica.

ção, mas apresenta algumas afirmações de caráter teológico que visam, sobretudo, a compreensão e a aceitação da Eucaristia como sinal da unidade eclesial.

2.1. Eucaristia: ceia dos irmãos, alimento para a vida em plenitude com Cristo, sinal de unidade eclesial

Lendo trechos das cartas de Inácio dirigidas aos cristãos das Igrejas de Éfeso, Roma, Filadélfia e Esmirna,¹³ nota-se que ele estava preocupado com a importância da participação de grande número de fiéis na Ceia Eucarística, por entender ser a Eucaristia, *ceia da reunião dos irmãos, medicina da imortalidade e da plenitude de vida em Cristo*, remédio contra a morte e sinal da unidade eclesial:

Procurai —, pois, reunir-vos em maior número para a Eucaristia de Deus e para seu louvor. Partindo um mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas para viver para sempre em Cristo Jesus (Carta aos Efésios, 13; 20,2).

Não sinto prazer pelo alimento corruptível nem pelos deleites desta vida. Quero o pão de Deus, que é a carne de Jesus Cristo, o da linhagem de Davi, e como bebida quero o sangue dele, o qual é caridade incorruptível (Carta aos Romanos, 7).

Esforçai-vos, portanto, por usar uma só eucaristia, pois uma só é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo e um só é o cálice para unir-nos com seu sangue, um só o altar, como um só bispo junto com o presbitério e com os diáconos conservadores meus; para que tudo o que fizerdes, o façais segundo Deus (Carta aos Filadélfios, 4).

Da Eucaristia e da oração se afastam (os docetas) porque não confessam que a Eucaristia é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, a que padeceu por nossos pecados, a que por bondade o Pai ressuscitou. Portanto, os que contradizem o dom de Deus litigando, vão morrendo. Seria melhor que amassam para que também ressuscitassem. Somente deve ser tida como válida a Eucaristia que se realizar sob o bispo ou aquele que ele encarregar. Onde estiver o bispo, ali está também a Igreja Católica. Não é lícito nem batizar nem celebrar o ágape sem o bispo (Carta aos Esmirnenses 7,1; 8,1s).¹⁴

Ao ler esses textos é preciso ter presente que Inácio viveu num contexto marcado por polêmicas de caráter doutrinal, especialmente contra os docetistas e os judaizantes. Os docetistas negavam que Cristo fosse verdadeiro homem, não levavam a sério a encarnação e a ressurreição, e, menos ainda, a Eucaristia.¹⁵

¹³ Cf. J. SOLANO. *Textos eucarísticos primitivos*. Madrid, BAC, 1952, vol. 1, pp. 43-51.

¹⁴ Cf. J. SOLANO. *Textos eucarísticos primitivos*, op. cit., pp. 43-51.

¹⁵ Cf. J. ALDAZÁBAL. A eucaristia, op., cit., p. 209.

Percebe-se que a teologia litúrgica de Inácio apresenta algumas notas importantes tanto no que diz respeito à evolução da organização da Igreja, quanto no tocante à unicidade dos diversos aspectos da celebração (reunião, louvação, oração, fração do pão, comida, bebida, altar, ministérios). Igualmente, nota-se uma preocupação em afirmar a presença real sacramental, através da constante identificação da Eucaristia com a carne e o sangue de Cristo. Não menos relevante é o acento dado à dimensão fraterna da comunidade, à licitude da celebração e à visibilidade da unidade eclesial ao redor da mesa da Ceia Eucarística.

3. JUSTINO E IRINEU, CEIA DE SENHOR COMO FONTE DE UNIDADE

Através dos séculos encontramos vários autores que nos apresentam diferentes maneiras de entender a Ceia Eucarística. Aqui apresentamos Justino¹⁶ e Irineu¹⁷ que nos lembram a importância do ritual eucarístico como expressão da unidade de vida com o Senhor. Para tanto, fazemos uso de alguns dos documentos mais antigos da Igreja Primitiva que nos revelam os primeiros rituais das comunidades cristãs.

Percebe-se neles que a evolução teológico-ritual da celebração da Ceia Eucarística nos primórdios da Igreja passou por um processo lento. Nesse ínterim aparecem os principais representantes da teologia patrística que nos explicam seu modo de entender não somente a estrutura ritual da celebração, mas também o sentido teológico da Eucaristia.

3.1. Os escritos batismais e eucarísticos de Justino de Roma

Com Justino de Roma é possível observar que a celebração da Ceia Eucarística já tinha alcançado uma certa maturidade estrutural, com um ritual mais ou menos estabelecido e uma teologia simples que a justifica.

3.1.1. A Ceia nas apologias de Justino

Na *Apologia I* de Justino descreve-se duas vezes a liturgia eucarística. A primeira, no capítulo 65, trata da liturgia eucarística dos recém-batizados; a segunda, no capítulo 67, descreve com detalhe a celebração eucarística dominical. Vejamos passo a passo a estrutura do ritual eucarístico que Justino apresenta:

¹⁶ Justino foi um leigo, sírio de nascimento, filósofo de profissão, que por volta do ano 150 escreveu sua *Apologia* em Roma e dedicou-a ao imperador Antônio Pio e seu filho Marco Aurélio. Nessa apologia ele descreveu a vida dos cristãos e, entre outras coisas, suas celebrações sacramentais. O testemunho de Justino é considerado o mais importante do século II. Morreu mártir em Roma pelo ano 165, e com ele morreram também vários de seus discípulos cristãos. Para a citação da *Apologia* e do *Diálogo com Trifão*, segue-se a edição de JUSTINO DE ROMA, *Apologia I-II, Diálogo com Trifão*. São Paulo, Paulus, 2002.

¹⁷ Irineu, bispo da cidade de Lião, na Gália (hoje França), nasceu na Ásia Menor, por volta do ano 140, discípulo de Policarpo, e deve ter sofrido o martírio por volta do ano 200.

a) Depois do Batismo

Em sua *Apologia*, Justino afirma: *De nossa parte, depois que assim foi lavado aquele que creu e aderiu a nós, nós o levamos aos que se chamam irmãos, no lugar em que estão reunidos* (I 65,1). Isto é, depois do Batismo, o novo irmão era levado à comunidade onde se celebrava uma liturgia especial, diferente da dominical.¹⁸ Estando aí reunidos, elevam-se orações em comum pela assembléia, pelo neófito que acaba de ser iluminado e pelos fiéis espalhados pelo mundo inteiro (I 65,1). A comunidade, toda reunida, suplica para que através do cumprimento dos mandatos, da boa conduta e das boas obras, possa-se conseguir a salvação eterna. Depois destas orações, passa-se diretamente ao *Ósculo da paz* (I 65,2). No momento seguinte, àquele que preside aos irmãos é oferecido pão e uma vasilha com água e vinho; pegando-os, louva e glorifica ao Pai do universo através do nome de seu Filho e do Espírito Santo, e pronuncia uma longa ação de graças, pelos dons concedidos (I 65,3).¹⁹ A comunidade reunida responde às orações do presidente dizendo: *Amém*.²⁰ Depois os que dentro da comunidade são chamados de ministros ou diáconos dão a cada um dos presentes parte do pão, do vinho e da água sobre os quais se pronunciou a ação de graças e os levam aos ausentes (I 65,5). É assim, que Justino apresenta a celebração eucarística própria dos recém batizados. Agora, vejamos a forma em que se estrutura a liturgia dominical; veremos que é praticamente igual à anterior só com alguns momentos diferentes.

b) Liturgia dominical

A liturgia será celebrada *no dia que se chama de sol* (I 67,3).²¹ Será neste dia, porque foi o primeiro dia em que Deus fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, reunir-se-ão todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se fará a leitura, enquanto o tempo o permita, afirma Justino, das Memórias dos Apóstolos²² ou os escritos dos profetas (I 67,3).²³ Depois, quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para que a comunidade imite os exemplos apresentados nas leituras (I 67,4). Isto é, o presidente faz uma homilia para a comunidade acompanhando os textos sagrados. Após isto, a comunidade toda eleva suas preces (I 67,5). Logo, terminado o momento de petição, oferece-se pão, vinho e água, e, afirma Justino *o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graça* (I, 67,5). Todo o povo responde dizendo: *Amém*. Depois, como na liturgia dos recém batizados, vem a distribuição e participação dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos

¹⁸ Cf. J. QUASTEN, *Patrologia I*. Madrid, BAC, 1961, p. 207.

¹⁹ Vemos que já no segundo século, os cristãos utilizam uma fórmula Trinitária (Apol. I 65,3), apoiada nos Evangelhos, embora, seja ainda muito cedo para se admitir uma clareza no que diz respeito ao Dogma Trinitário, que foi apresentado com maior lucidez no II Concílio de Constantinopla no século VI.

²⁰ Justino explica o sentido do 'Amém'. *Amém, em hebraico, significa 'Assim seja'* (Apol. I 65,4).

²¹ Entendemos que o *dia chamado de sol* é o Domingo. Justino afirma: *sabe-se que o crucificaram (Jesus) um dia antes do dia de Saturno e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas* (Apol. I 67,7). Vemos nesta obra de Justino um dos testemunhos mais antigos da celebração no dia Domingo, pois nesta obra lidamos com material do século II.

²² Quando se fala de memória dos apóstolos, talvez se esteja falando dos escritos do Novo Testamento, especificamente dos Evangelhos, pois no Capítulo 66,3 da *Apologia I*, ele faz referência direta ao Evangelho de Lucas.

²³ É interessante notar que na descrição do rito eucarístico que está imediatamente depois do batismo, Justino não menciona a leitura da Escritura nem da exortação do presidente. Talvez, este momento era omitido tendo em vista a cerimônia batismal que havia sido celebrada imediatamente antes.

ausentes pelos diáconos (I 67,5). Finalmente, os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dão o que bem lhes parece, e o que foi recolhido se entrega ao presidente (I 67,6). Ele distribuirá a órfãos e viúvas, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, isto é, aos que se encontram em necessidade.

Vemos, assim, que são mínimos os detalhes que diferencia a Eucaristia dominical da Eucaristia dos recém batizados. As leituras e a coleta final²⁴ aparecem na Eucaristia dominical, não assim na dos recém-batizados. No entanto, o ósculo da paz só aparece na celebração dos iniciados. Conforme percebemos, Justino nos dá uma idéia de evolução da *Oração Eucarística*, a saber: é o presidente que a profere de maneira espontânea; dirige-se ao Pai em nome do Filho e do Espírito; dá graças ao Pai por nos ter criado dignos do alimento eucarístico, pela criação do mundo e tudo que nele existe por amor à humanidade e por ter libertado o homem da maldade. Além de apresentar a estrutura ritual da celebração da ceia para dois momentos especiais, Justino tenta justificar teologicamente a eucaristia.

3.1.2. Teologia da Eucaristia

Justino esclarece que este alimento entre nós se chama Eucaristia. E dele só pode participar quem crê que os ensinamentos dos cristãos são verdadeiros e quem se tenha lavado no banho que traz a remissão dos pecados e a regeneração e vive conforme o que Cristo ensinou, isto é, só pode participar quem crê e quem foi batizado (I 66,1). Logo, Justino afirma que estes dons não são pão e bebida comuns, senão a carne e o sangue de Jesus encarnado (I 66,2). Para provar isto, Justino diz que foi isso que os apóstolos nas *Memórias* por eles escritas e que se chamam Evangelhos, nos transmitiram e que assim lhes foi mandado, quando Jesus, tomando o pão e dando graças, disse: *Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória* (Lc 22,19). E igualmente, tomando o cálice e dando graças, disse: *Este é o meu sangue* (Cf. Lc 22,20; I, 66,3-4).

Vemos, então, que embora não exista uma clareza no que posteriormente será chamado de *transubstanciação*, Justino já apresenta um esboço e uma primeira formulação deste dogma, todo ele fundamentado nos Evangelhos.²⁵

Petição final: *Não decreteis pena de morte contra aqueles que nenhum crime cometem.*

3.1.3. A Ceia no Diálogo com Trifão.

Nesse diálogo Justino nos oferece alguns traços rituais da celebração, tais como o ofertório, o sentido da prece universal,

²⁴ Esta coleta final (Apol. I 67, 6), já é anunciada por Justino no começo do capítulo 67, onde dirigindo-se à comunidade, diz: *Depois dessa primeira iniciação, recordamos constantemente entre nós essas coisas e aqueles de nós que possuem alguma coisa socorrem todos os necessitados e sempre nos ajudamos mutuamente* (Apol. I 67,1).

²⁵ Cf. A. BERTHOLD — STUIBER, A., *Patrologia*. São Paulo, Paulinas, 1972, p.80.

a simbologia e a unidade eclesial na diversidade dos membros, conforme segue:

a) Ofertório

No diálogo com Trifão, Justino compara a oferta do Antigo Testamento com a oferenda eucarística, leiamos o texto: *A oferta de flor de farinha, que os que se purificavam da lepra deviam oferecer era figura do pão da Eucaristia que Nosso Senhor Jesus Cristo mandou oferecer em memória da paixão.* Neste sentido, Justino exorta *para que juntos demos graças a Deus por ter criado o mundo e por todo o amor que há nele pelo homem, por nos ter livrado da maldade na qual nascemos e por ter destruído completamente os principados e potestades através daquele que, segundo seu desígnio, nasceu passível* (Dial, 41, 1). A natureza desta oração-exortação anuncia um agradecimento a Deus pelas ações de Cristo que favorecem o homem e o livram dos males.

b) Sentido Universal

Como um pré-anúncio da oração universal rezada na missa, temos o posicionamento de Justino frente à oração dirigida ao Pai celestial: *desde onde o sol nasce até onde ele se põe, meu nome é glorificado entre as nações e em todo lugar se oferece ao meu nome incenso e sacrifício puro.* A oração universal seria uma oferenda que junto com o incenso simboliza um sacrifício puro: *Grande é o meu nome entre as nações e em todo lugar se oferece ao meu nome incenso e sacrifício puro* (Dial, 41, 2). Este será o antecedente da oração universal que escutaremos ao longo dos séculos como memória cristã.

c) Simbolismo

Encontramos um exemplo muito simples. Como um traço pequeno do significado simbólico da unidade apostólica na Eucaristia. *Assim também as doze campainhas que se mandava pendurar na veste talar do sumo sacerdote se referiam aos doze apóstolos que estavam ligados ao poder de Cristo, sacerdote eterno, por meio dos quais toda a terra se encheu da glória e da graça de Deus e de seu Cristo* (Dial, 42,1).

d) Unidade na diversidade

A unidade que se manifesta no discurso de Justino nos fala da necessidade de união entre cristãos: *No corpo, embora pos-*

suindo muitos membros, todos eles em conjunto são chamados e são de fato um só corpo. Do mesmo modo, um povo, uma igreja, embora composto numericamente de muitos, são chamados e denominados com um só nome, como se fossem uma coisa única (Dial, 42, 3). Chamamos de *Corpo Místico de Cristo* ao mistério de unidade presente na Igreja.

3.2. Irineu de Lião

O testemunho de Irineu de Lião se caracteriza por sua oposição aos gnósticos de tendência dualista que consideravam matéria como má e, portanto, não susceptível de salvação. Eles sustentam que Deus Pai não é Criador. Este é outro, o Demiurgo que cria o mundo da matéria voltada à corrupção: é um mundo de ignorância, de paixão, de decadência.²⁶

Nesse contexto, Irineu assevera que se o mundo não tem sentido e é algo mau, não se deve também celebrar a Eucaristia. Pois, esta significa justamente a bondade e a grandeza do mundo. Ela toma algo da criação para oferecer em ação de graças. Se os gnósticos a celebram, eles a realizam como se ela fosse um *mistério* pagão.

Com efeito, na Eucaristia pode-se ler a criação. *O pão, que provém da criação, Ele o tomou e rendeu graças, dizendo: 'Isto é meu corpo'. E o cálice igualmente, que provém da criação à qual pertencemos, ele o declarou seu sangue* (Contr. Her. 4, 17,5). Desta maneira, a Eucaristia realizada com a oferenda do pão e do vinho recapitula o mundo e conduz o cristão a apreciar sua bondade e a se inserir neste mundo e não a se evadir dele. Portanto, pergunta Irineu: *Como podem os gnósticos dizer que a carne é destinada à corrupção e não tem parte na vida, quando ela se alimenta do corpo do Senhor e de seu sangue?* (Contr. Her. 4, 18,5). A Eucaristia é o estabelecimento da harmonia no interior do homem. É reconhecer a coerência e unidade da criação.²⁷ É perceber que em toda realidade há sempre um ser *maior*, algo que escapa à nossa subjetividade e a toda tentativa de objetivação. A Eucaristia que se celebra com o pão e o vinho não nos convida a nos prendermos em sua materialidade, mas sim no que tais elementos evocam e proclamam, que a vida do homem é um abrir-se ao que é maior que ele mesmo, a se comunicar no corriqueiro da vida.

É o homem todo, corpo e espírito, que está convocado a este mais do que aquele. É a afirmação de que o corpo, bem como o espírito não é destinado à morte, uma vez que ele é alimentado pela carne do Senhor. Ele se torna incorruptível ao receber o corpo do Senhor.

²⁶ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teologia Patrística*. Petrópolis, Vozes, 1983, p. 110; para as citações de Irineu de Lião, segue-se IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*. São Paulo, Paulus, 2002.

²⁷ Cf. S. COLA, *Operário da Primeira Hora*. São Paulo, Cidade Nova, 1987, p. 20.

Irineu apresenta o sentido da oferenda e do sacrifício. Segundo ele, todos os fiéis podem apresentar oferendas, e todas elas são aceitas pelo Senhor; mas a celebração da Ceia da Eucaristia só na Igreja se pode celebrar.²⁸

²⁸ Cf. Idem, p. 22.

4. HIPÓLITO DE ROMA: CONTRIBUIÇÃO AOS RITOS E TEXTOS LITÚRGICOS DA CEIA EUCARÍSTICA

Agora procuraremos aprofundar a questão dos ritos, textos e símbolos litúrgicos presentes na Ceia Eucarística da Igreja, a partir da Tradição Apostólica²⁹ de Hipólito de Roma, no contexto do século III.³⁰ É nosso objetivo buscar perceber a estrutura teológico-ritual da celebração da Ceia Eucarística neste período da história eclesiástica, e identificar as contribuições, diferenças e semelhanças se comparadas com nossa atual liturgia romana.

Certamente esta parte do ensaio lançará luzes para o reconhecimento da Ceia Eucarística como símbolo da comunidade cristã e como fonte de entendimento para a compreensão do processo litúrgico que atravessou a história da Igreja na sua dimensão teológico-ritual.

4.1. A celebração da Ceia Eucarística segundo a *tradição apostólica*

Ao iniciarmos nossa pesquisa sobre a Ceia Eucarística, mais especificamente sobre os ritos, textos e símbolos litúrgicos referentes à Ceia Eucarística, na obra *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma (215-225), concentramos nossa análise nas expressões utilizadas por este autor para designar este sacramento da Igreja. A palavra *Missa*³¹ (dispensar, despedir, dar a bênção final), tal como é empregada hoje comumente, para se referir à Eucaristia, não aparece na *Tradição Apostólica*.³² *Sacrifício* (imolação), conforme emprego adotado por Cipriano e Agostinho³³ é designado por *Refeição do Senhor* (ceia), *Fração do Pão* (comunhão, partilha), *Oblação* (oferta, oferenda, dom), *Liturgia* (serviço religioso, culto). A expressão *Refeição do Senhor* está presente no Novo Testamento (Cf. 1Cor 11,19). Já o termo *Fração do Pão* é utilizado por Lucas, para se referir à Eucaristia na sua dimensão de comunhão e partilha (Cf. Lc 24,35; At 2,42.46; 20,7.11; 27,35), e expressa ação de graças e louvor; o termo Eucaristia só será empregado mais tarde no *Didaqué*.³³ Esse nome acabou por tornar-se o mais conhecido na teologia cristã, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Um ponto fundamental para o qual convergem todas essas conceituações teo-

²⁹ A *Tradição Apostólica* foi redigida em Roma por volta do ano 215.

³⁰ Hipólito nasceu em Roma na segunda metade do século II, de família nobre, é considerado um grande erudito, destacando-se entre os escritores da Igreja de Roma dos primeiros séculos. Como presbítero e grande teólogo, foi defensor extremado da fé católica. No decorrer do século III, época em que a Igreja tornou a penitência mais branda para os pecadores, Hipólito assumiu uma postura rigorista e desentendeu-se com a autoridade máxima da hierarquia eclesiástica, isto é, o papa, e acabou sendo eleito antipapa por um pequeno grupo de cristãos moralista. Essa situação provocou uma ruptura interna na Igreja que durou aproximadamente vinte anos. Nesse espaço de tempo, Hipólito foi exilado pelo imperador na Sardenha e aí morreu no ano 325. Foi sepultado no cemitério da Via Tiburtina que dele tomou esse nome. Cf. K. BIHLMEYER — TUECHLE, H., *História da Igreja na Antiguidade cristã*. São Paulo, Paulinas, 1964, vol. 1. p. 129.

³¹ Esse termo pode ser entendido a partir de muitas conotações, dentre elas podemos citar: Concelebração eucarística; Domingo; Eucaristia; Memorial; Prece eucarística; Sacrifício. Cf. P. VISENTIN, Eucaristia. In TRIACCA, A. M. — SARTORE, D. (Eds.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulus, 1992, p. 750.

³² Cf. HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*. Petrópolis, Vozes, 2003, II, 11-17; 54.60.

³³ Cf. P. VISENTIN, Eucaristia, op. cit., p. 398.

lógicas é a afirmação de que na Eucaristia está a presença real de Cristo Ressuscitado.

Em sua *Tradição Apostólica*, Hipólito de Roma já dispõe de uma significativa sistematização a respeito da Eucaristia, enquanto ritual celebrativo e que supõe uma reflexão teológica. A grande marca de seu pensamento é que *Eucaristia*, sem perder o seu sentido primitivo de *Ação de Graças*, significa já o *Sacramento do Pão e do Vinho*. A dimensão da Ceia do Senhor como refeição sacramental já está muito presente.

Celebrada de modo diversificado nas comunidades cristãs, a Eucaristia não tinha sua liturgia unificada no tempo de Hipólito de Roma.³⁴ Foi com a intenção de suprir a ausência de uma estrutura teológico-ritual para a celebração da Eucaristia que Hipólito apresentou sua *Anáfora* eucarística na *Tradição Apostólica*. A grande novidade do pensamento de Hipólito é a constatação de que a celebração eucarística proposta por ele não aparece mais como sendo uma liturgia determinada, de uma Igreja particular, nem mesmo a de Roma, mas como um modelo segundo o qual Hipólito gostaria que fosse assimilado por todas as liturgias existentes na época.³⁵

A *Tradição Apostólica* apresenta a realização da celebração eucarística³⁶ em três momentos diversos: *Após a celebração do batismo*,³⁷ *na celebração dominical*³⁸ e *na celebração na qual o bispo é consagrado*.³⁹ Há uma semelhança com a proposta celebrativa da Eucaristia de Justino.⁴⁰ Contudo, dentre todos os escritos de Hipólito de Roma o mais rico e importante para a compreensão de sua teologia e liturgia da Eucaristia é a sua *anáfora eucarística*.

4.2. A Anáfora Eucarística

Em sua tentativa de oferecer uma estrutura ritual orante e comum às comunidades cristãs, Hipólito de Roma apresenta a sua anáfora eucarística. Por *anáfora* (diálogo) entendemos a oração dialogada entre a presidência da celebração e os fiéis, durante a consagração das oferendas do pão e do vinho, que são convertidas no corpo e sangue do Senhor respectivamente. Há indícios de que esse modelo de oração tenha sido difundido no Alto Egito, e na Etiópia, que segundo consta teriam consagrado o uso da anáfora.⁴¹

Tamanha foi a importância da teologia eucarística de Hipólito de Roma que na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II sua anáfora foi adaptada e incluída no Cânon II do Missal Romano, tornando-se a prece eucarística mais utilizada na celebração cotidiana do mistério pascal de Cristo. Em sua estrutura ritual e celebrativa, Hipólito divide sua liturgia eucarística

³⁴ Cf. DIDAQUÉ, op. cit., 9,1. 5; 10, 7; 14, 1.

³⁵ Empregamos o termo liturgia no sentido de conjunto de ritos e práticas celebrativas.

³⁶ Cf. A. HAMMAN, Eucaristia. DI BERNARDINO A. (Ed.), *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Paulus, 2002, p. 528.

³⁷ Cf. DIDAQUÉ, op. cit., 9, 5; HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*, op. cit., II, 59.

³⁸ Cf. HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*, op. cit., III, 60.

³⁹ Idem, I, 12.

⁴⁰ Cf. G. PADOIN, *O Pão que Eu Darei*. São Paulo, Paulinas, 1980, p. 88.

⁴¹ Idem, p. 89.

em quatro partes fundamentais, que posteriormente serão assumidas como indispensáveis na validade da celebração da Eucaristia: *Anáfora, Anamnese, Epiclese e Doxologia*.

4.2.1. Anáfora

A *anáfora* é iniciada com um diálogo entre o bispo e os fiéis, assim entendida nas palavras de Hipólito:

Apresentada a oblação o bispo diga:

— *O Senhor esteja convosco.*

Respondam todos:

— *E com o teu espírito.*

— *Corações ao alto!*

— *Já os oferecemos ao Senhor.*

— *Demos graças ao Senhor.*

— *É digno e justo.*⁴²

Na *anáfora*, além da louvação, faz-se a narração da instituição da eucaristia realizada pelo Senhor, e sua extensão na história da humanidade através da celebração do memorial na Ceia Eucarística, conforme segue:

*Graças te damos, Deus, pelo teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos últimos tempos nos enviaste, Salvador e Redentor, mensageiro da tua vontade, que é o Verbo inseparável, por meio do qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do Céu ao seio de uma Virgem; que, aí encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. (...). Que, enquanto era entregue à voluntária Paixão, para destruir a morte (...), e para dar a conhecer a Ressurreição, tomou o pão e deu graças a ti, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu Corpo que por vós será destruído; tomou igualmente, o cálice, dizendo: Este é o meu Sangue, que por vós será derramado. Quando fizerdes isto, fa-lo-eis em minha memória.*⁴³

⁴² Cf. HIPÓLITO DE ROMA, *Tração Apostólica*, op. cit., I,12.

⁴³ Idem, I, 12-16.

4.2.2. Anamnese (recordação)

Outro elemento essencial na teologia-litúrgica da Ceia Eucarística é a *Anamnese*. Isso podemos perceber no relato de Hipólito de Roma, que depois será assumida pela Igreja, como ação memorial de Cristo, lembrança da Paixão e Ressurreição do Senhor.

4.2.3. Epiclese (invocação sobre)

Toda a celebração da eucarística é dependente da ação do Espírito Santo, por isso assume um papel importante a *epiclese*;

trata-se da invocação e da descida do Espírito Santo sobre a *oblação*, representada no gesto da imposição das mãos sobre as oferendas. *E te pedimos que envies o teu Espírito Santo à Oblação da Santa Igreja: reunindo em um só rebanho todos dos fiéis que recebemos a Eucaristia na plenitude do Espírito Santo para o fortalecimento da nossa fé na verdade (...)*,⁴⁴ e Hipólito prossegue pedindo ao bispo que profira a prece eucarística por ele elaborada.

⁴⁴ Idem, I, 17a.

4.2.4. *Doxologia (louvação)*

O último elemento da celebração eucarística para Hipólito é a *doxologia*, conforme segue: *Concede que te louvemos e te glorifiquemos, pelo teu filho Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra — ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na tua santa Igreja, agora pelos séculos dos séculos. Amém.*⁴⁵ Assim, dá-se a conclusão da prece eucarística com a afirmação da centralidade da presença de Cristo na *oblação*.

⁴⁵ Idem, I, 17b.

4.3. A Primeira Eucaristia

O autor da *Tradição Apostólica* nos apresenta também instruções aos fiéis a respeito da *Primeira Eucaristia* dos neófitos. A estrutura da celebração segue a seguinte organização: os diáconos apresentam a *oblação* ao bispo que dá graças. Ele abençoa o Pão (Corpo de Cristo), bendiz o Vinho (Sangue de Cristo), consagra o leite e o mel misturados (recordação da ceia primitiva). Em seguida, o bispo explica esses gestos aos que recebem a Eucaristia. Um outro momento é a benção da água, onde o bispo abençoa a água (lembrança do batismo). No rito da comunhão, partindo o Pão, o bispo o distribui aos fiéis, em seguida esses tomam parte da comunhão nos três cálices nessa ordem: a água, o leite e o vinho.⁴⁶

⁴⁶ Idem, II, 57.

São oferecidas orientações aos que receberam o batismo: (...) *aos que tiverem recebido o Batismo, em segredo diga-o o bispo, para que os não fiéis não sejam informados, a não ser depois que houverem também recebido. Está é a 'ficha branca', à qual aludiu João, dizendo: Um novo nome foi escrito nela, e ninguém o conhece a não ser aquele que a receberá.*⁴⁷ Conforme já mencionamos, o Batismo era uma das ocasiões para a Celebração da Eucaristia entre os neófitos.

⁴⁷ Idem, II, 58.

A teologia eucarística de Hipólito de Roma tem uma profunda eclesiologia, aborda a Eucaristia como sacramento de unidade entre os fiéis e os pastores. Além do mais, a Eucaristia também é o momento no qual a Igreja se reúne para formar a assembléia que deposita sua fé no Cristo Ressuscitado. Por meio

da Eucaristia, os cristãos ainda são convocados para a comunhão com Cristo e para a comunhão e a fraternidade entre si mesmos.⁴⁸

⁴⁸ Cf. G. PADOIN, *O Pão que Eu Darei*, op. cit., p. 89.

4.4. A Comunhão dominical

Os cristãos, segundo a *Tradição Apostólica*, deveriam se reunir aos domingos para a celebração da Eucaristia. Afirma Hipólito: *No domingo de manhã, o bispo, se puder, distribuirá a Eucaristia para todo o povo com suas próprias mãos, partindo os diáconos o pão; também os presbíteros poderão partilo. Quando o diácono apresentar a Eucaristia ao presbítero, entenderá o vaso e o próprio presbítero o tomará e distribuirá pessoalmente ao povo. Nos outros dias da semana a comunhão segue as ordens e prescrições do bispo.*⁴⁹

⁴⁹ Cf. HIPÓLITO DE ROMA, op. cit., III, 60.

Com essa afirmação de Hipólito podemos notar como a celebração da Eucaristia dominical já estava arraigada na vida das comunidades cristãs dos primeiros séculos. Desse modo, a espiritualidade da celebração da Eucaristia dominical foi amplamente desenvolvida na Igreja dos primeiros séculos. As idéias e a teologia eucarística da *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma certamente são um estímulo à valorização da Eucaristia aos domingos, como fonte de vida para os cristãos. Por fim, sigamos o conselho de Hipólito de Roma que diz:

*Após a cerimônia, apressem-se a praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade.*⁵⁰

⁵⁰ Idem, III, 61.

5. CIRILO DE JERUSALÉM E A CATEQUESE MISTAGÓGICA DA CEIA EUCARÍSTICA

A comunidade de Jerusalém, no IV século da era cristã, celebrava com intensidade o mistério eucarístico. Essa vivência aprofundada da Ceia Eucarística era fruto de uma fé amadurecida no Cristo eucarístico. Deve-se isso a Cirilo,⁵¹ bispo e pastor da comunidade de Jerusalém, que viveu o seu discipulado como um zeloso pedagogo da fé cristã. Assim, com o seu método catequético defendeu a doutrina católica de inúmeras heresias que surgiram na época e instruiu na fé aqueles que optaram em seguir Jesus de Nazaré.

⁵¹ Cirilo de Jerusalém nasceu no ano de 315 e foi educado em Jerusalém. Ordenado sacerdote em 345, três anos mais tarde foi nomeado bispo da comunidade de Jerusalém. Morreu aproximadamente em 387.

O seu processo pedagógico era constituído em duas etapas. A primeira fase, pré-batismal, composta por dozoito catequeses, ministradas no período quaresmal que instruíam os catecúmenos para a vivência batismal. A segunda fase era constituída de cinco catequeses, ministradas após o batismo, revelava ao neófito a mistagogia da fé cristã.

⁵² Nem todas as catequeses que são atribuídas a Cirilo seriam efetivamente dele. Pesquisas posteriores demonstram isso. Se o foram, certamente foi pelo seu testemunho de vida e zelo apostólica com que viveu a sua fé no ressuscitado.

Certamente, Cirilo escreveu estas catequeses quando ainda era presbítero da comunidade hierosolimitana.⁵² Como teólogo, ele não apresenta uma profundidade doutrinal reflexiva como a dos Padres da época. Entretanto, seu valor é profundo como testemunha da tradição e da fé professada nos Concílios de Nicéia e de Constantinopla.

Nossa proposta de estudo contempla a quarta e a quinta catequese mistagógica de Cirilo. Na quarta catequese, o bispo de Jerusalém elabora uma teologia eucarística ao apresentar dados essenciais da fé no mistério eucarístico. Na quinta catequese, ele apresenta aos neófitos os elementos do rito eucarístico celebrado pela comunidade de Jerusalém.

5.1. A pedagogia eucarística da quarta catequese mistagógica

O objetivo pedagógico de Cirilo, ao ministrar as catequeses mistagógicas, era provocar um profundo discernimento e educar na fé cristã os novos cristãos que tinham optado por viver em comunidade o projeto de Jesus Cristo.

Os neófitos da fé, após o Sábado Santo, recebiam uma formação sobre a mistagogia cristã. O responsável por essa formação pedagógica era o bispo da comunidade. Com as portas fechadas, na capela da ressurreição, ele explicava os mistérios mais profundos da fé cristã.⁵³ Dentre esses mistérios, Cirilo atribuía um valor especial à mistagogia eucarística: o corpo e sangue de Cristo.

Na quarta catequese mistagógica o jovem bispo reflete os valores da mistagogia eucarística e oferece aos neófitos os elementos teológicos essenciais do mistério celebrado. No seu processo pedagógico Cirilo fundamenta seus ensinamentos na Sagrada Escritura. Um referencial para sua reflexão sobre o corpo e sangue de Cristo é o texto paulino escrito à comunidade de Corinto:

Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, parti-o e disse: Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei em memória de mim (1Cor 11,23b-25).

Segundo a pedagogia de Cirilo, ao celebrar e participar do corpo e sangue de Cristo, o cristão se torna *um só corpo e um só sangue com Cristo*.⁵⁴ Sob a forma do pão e sob a forma do vinho recebemos o corpo e o sangue de Cristo, e participando do mesmo corpo e do mesmo sangue, nos tornamos *incorporados* a Cristo e *consangüíneos* de Cristo. Participar da ceia eucarística é tornar-se portador de Cristo (cristóforos).

⁵³ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉ-RIA. *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis, Vozes, 2003, n. 46-47.

⁵⁴ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, 4, 1.

Cirilo instruiu com sapiência a sua comunidade para a vivência do mistério eucarístico. A comunidade é catequizada para a maturidade na fé e na Eucaristia. Ao participar da Ceia, ela tem consciência plena do mistério celebrado: o pão e o vinho colocados sobre o altar são transformados, pela ação do Espírito Santo, no corpo e no sangue de Cristo. O bispo crê profundamente no mistério que celebra: *Cirilo afirmou mais claramente do que os padres anteriores a presença real de Cristo na Eucaristia e a transubstanciação.*⁵⁵

O pão celeste e o vinho da salvação pertencem à nova aliança. Cirilo usa a imagem veterotestamentária do pão da proposição como alimento do corpo para fazer ecoar a boa nova do Cristo eucarístico como o alimento para a vida eterna.

Cirilo mostra uma ruptura entre as ceias veterotestamentárias e a Eucaristia. O corpo e sangue de Cristo, no sacrifício da cruz, foram oferecidos para a remissão dos pecados. Portanto, o mistério eucarístico é um alimento espiritual e fonte da vida e salvação.

Num momento histórico e ambiente cultural, marcados por heresias como o arianismo, o gnosticismo e o maniqueísmo, a razão pode não ser capaz de mergulhar na profundidade da Eucaristia. O pedagogo aponta para a fé na certeza da presença real de Cristo na Eucaristia. Por isso, afirma Cirilo: *não debes olhar para o pão e o vinho eucarísticos, como se fossem elementos simples e vulgares. São realmente o corpo e o sangue de Cristo, segundo a afirmação do Senhor.*⁵⁶

Embora Cirilo não tenha utilizado o termo *transubstanciação* (que aliás nem é grego e é posterior) é justo afirmar que já em Cirilo há uma crença no que hoje entendemos como transubstanciação. Cirilo usa várias vezes durante a quarta e a quinta catequese mistagógica o verbo μεταβάλλω quando se refere à Eucaristia. Μεταβάλλω traduz-se por mudar, converter algo em outra coisa, mas pode também, sem risco de ser infiel a tradução, ser traduzido por transubstanciar, quando se aplica à Eucaristia.

Μεταβάλλω é um verbo que deriva do verbo βάλλω, que significa lançar, arremessar, mover numa determinada direção, atirar (de onde provém a palavra *balística* em nossa língua). Ao se unir com a preposição *meta* recebe, numa tradução mais literal, o sentido de *atirar para o outro lado*. Ora, quando se muda algo, quando se converte algo, quando se atira algo para o outro lado, esse algo não deixa de existir ou de ser aquilo que era, só que não da mesma maneira que antes. Isto parece contraditório e um pouco confuso, mas na verdade não é. É como se disséssemos que um pão não deixou de ser farinha, água, sal e fermento após cozido (isto ninguém duvida), mas na verdade

⁵⁵ Cf. B. ALTANER — STUIBER, A. *Patrologia*. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 316.

⁵⁶ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógica*, op. cit., 4, 6.

sabemos que também deixou de ser. O mesmo se aplica à Eucaristia em Cirilo: as figuras não deixam de ser pão e vinho, mas na verdade sabemos pela fé que não são mais pão e vinho, porém sim o corpo e o sangue de Cristo.

Por fim, para Cirilo, devemos acreditar na presença real de Cristo na Eucaristia pois o próprio Jesus assegurou isso quando disse: *Isto é o meu corpo e isto é o meu sangue*.⁵⁷ E se em outra ocasião converteu com um sinal seu a água em vinho em Caná da Galiléia, não haveremos de acreditar nele quando muda o vinho em sangue?⁵⁸

A Eucaristia é o centro fraterno da vida comunitária na sua unidade entre irmãos e o Cristo. Participar da Ceia é solidificar esta união na vivência do discipulado. Pedagogicamente, Cirilo usa a imagem das roupas novas e brancas. Essa é a ação da Eucaristia na vida do cristão: participar dela é revestir-se de roupa nova e limpa. É revestir-se da graça divina para converter-se num bem-aventurado encarnado na cotidianidade da vida.

Cirilo, pai apostólico da comunidade de Jerusalém, é o pedagogo do Amor que ama para provocar amor. Bebendo deste amor, ele educa com sapiência os novos cristãos. Discernindo e inserindo a vida no mistério eucarístico, o cristão deverá vivenciar no ceio da comunidade, cada vez mais intensamente o mistério celebrado: Cristo eucarístico, fonte da vida eterna e da unidade comunitária.

5.2. As partes da celebração eucarística

Na Quarta Catequese Mistagógica, São Cirilo fala aos catecúmenos sobre a dignidade de Deus, faz comentários sobre o batismo, a crisma e a participação no corpo e sangue de Cristo.

Na Quinta Catequese ele volta a atenção para a ministerialidade e a vivência ritual da celebração da Ceia Eucarística. Assim, aparece a participação do diácono que oferece água para que o Pontífice e os presbíteros que estavam ao redor do altar de Deus o altar pudessem lavar as mãos.⁵⁹ Pois, tanto para Cirilo como para os cristãos daquela época, a ablução das mãos era um símbolo de purificação de todos os pecados e de todas as faltas; é que, as mãos simbolizam as obras, e são purificadas, evidentemente, para significar a pureza e a irrepreensibilidade das obras. As mãos são lavadas para indicar que estamos limpos e purificados do pecado.⁶⁰

O diácono tem uma participação ativa na celebração. De fato, ele convida os membros da assembléia a se acolherem mutuamente e a dar o ósculo da paz, quer dizer o beijo da paz e da reconciliação. A partir da interpretação da passagem do Evangelho de Mateus, onde Jesus disse: *Quando for apresentar*

⁵⁷ Idem, 4,1.

⁵⁸ Idem, 4, 2.

⁵⁹ Idem, 5, 2.

⁶⁰ Idem.

uma oferta perante o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, depois volta para apresentar a tua oferta (Mt 5,23-24). Entendia-se que o ósculo do paz consiste na razão que nos faz sermos considerados pessoas bem-aventuradas.⁶¹ Pois, na assembléia, as *almas* devem unir-se entre si e esquecer todas as desavenças contra os demais irmãos. A esse respeito nos exortam os apóstolos Paulo e Pedro. O primeiro nos fala assim: *Saudai vos uns aos outros no ósculo santo* (Rm 16,16; 1Cor 16,20); o segundo nos diz: *Saudai vos uns aos outros no ósculo da caridade* (1Pd 5,14).

⁶¹ Idem, 5, 3.

5.2.1. Introdução à anáfora

Após o ósculo da paz o sacerdote proclama: *Corações ao alto*.⁶² Nessa hora se inicia a Anáfora, pois as assembléias dos cristãos elevam os corações, juntos, a Deus, e não apenas da terra, ou das coisas terrenas, ele nos ordena abandonar todas as preocupações, que possa haver no coração, e voltarmos os nossos olhos ao Deus benevolente, e com isso somos inflamados a responder não através da boca, mas com todo o ser, dizendo: *Já os temos no Senhor*.⁶³ Após essa evocação o sacerdote diz: *Demos graças ao Senhor*.⁶⁴ Em resposta a essa evocação a assembléia diz: *É digno e Justo*.⁶⁵ De fato, quando damos graças realizamos um gesto digno e justo. Pois Ele, o Senhor, nos beneficiou com sua justiça, mas foi além de toda ação justa, fazendo-nos dignos da sua bondade salvadora.

⁶² Idem, 5, 4.

⁶³ Idem, 5, 4.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem, 5, 5.

5.2.2. Anáfora, prece de louvor

Iniciando a prece de louvor, Cirilo menciona o céu, a terra e a mar, o sol e a lua, os astros, todo ser, criatura racional e irracional, as coisas visíveis e invisíveis, bem como o exército celestial, e com vigor, a exemplo do rei Davi diz: *celebrai comigo o Senhor*.⁶⁶ Assim, recorda-se dos Serafins que Isaías no Espírito Santo, contemplava. Estes se posicionavam em círculo ao redor de Deus, cobriam rosto e os pés com as asas voavam dizendo: *Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos* (Is 6,2-3). A recitação dessa doxologia que nos foi transmitida pelos Serafins é um convite para que nos associemos aos exércitos celestes.⁶⁷

⁶⁶ Idem, 5, 6.

⁶⁷ Idem, 5, 8-9.

5.2.3. Epiclese

Após a recitação dos hinos espirituais, acima citados, se suplica ao Deus benigno para que Ele possa enviar o Espírito Santo sobre os dons colocados no altar para fazer do pão Corpo de Cristo e do vinho, o Sangue de Cristo. Acredita-se que o

Espírito Santo invocado sobre os dons apresentados os santifica e os transforma no corpo e no sangue de Cristo.⁶⁸

⁶⁸ Idem, 5, 7.

5.2.4. *Intercessões*

Depois da epiclese é realizado o sacrifício espiritual, o culto incruento, pela presença da vítima de propiciação. Em seguida, invoca-se a Deus pela paz comum entre as Igrejas, pelo bem estar do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e aliados, pelos doentes, pelos aflitos e, de modo geral, por todos aqueles necessitados de socorro por quem se oferece a vítima pascal.⁶⁹ Faz-se menção aos falecidos, primeiro recorda-se dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus, por meio deles, se digne aceitar as preces que lhes são apresentadas. Reza-se ainda pelos santos padres, bispos que adormeceram na paz de Deus, e por todos os que nos precederam na fé e por aqueles que foram redimidos pela fé em Jesus Cristo.⁷⁰ Enfim, apresenta-se súplicas a Deus pelos cristãos adormecidos e por nós pecadores, por quem é apresentado o Cristo Imolado, tornando propício o Deus benigno, em favor dos vivos e dos mortos.⁷¹

⁶⁹ Idem, 5, 8.

⁷⁰ Idem, 5, 9.

⁷¹ Idem, 5, 10.

5.2.5. *O Pater*

Após a apresentação das súplicas pelos falecidos e pecadores e em conformidade com o Evangelho de Mateus (Mt 6,9-13), reza-se oração que o próprio salvador ensinou e transmitiu aos discípulos, atribuindo a Deus o nome de Pai.⁷² Essa oração já era recitada na liturgia do batismo, onde Cirilo faz a oração comentando parte por parte.⁷³

⁷² Idem, 5, 11.

⁷³ Idem, 5, 11-18.

5.2.6. *A comunhão*

Depois da oração do Pai-Nosso realiza-se a distribuição da comunhão, sob as duas espécies, acompanhada de canto apropriado. A comunhão é dada na mão direita sustentada pela mão esquerda. A pessoa que comunga recebe o corpo de Cristo, dizendo: *Amém*. Após ter comungado o corpo de Cristo, quem comunga é convidado a se aproximar do cálice do seu sangue. Ali realiza uma inclinação, num gesto de adoração e respeito, e diz *amém*. Em seguida toma o sangue de Cristo. À comunhão seguem-se um momento de ação de graças a Deus pelos dons recebidos e a oração final.⁷⁴

⁷⁴ Idem, 5, 19-23.

5.3. *A atualização da catequese*

Hoje, a estrutura ritual da celebração eucarística ganhou mais corpo e substância, é mais simples e participada. No en-

tanto, mantém-se a estrutura e o conteúdo essencial; faz-se aquilo que Cristo fez: tomou o pão e o cálice e deu graças, partiu o pão e o deu aos seus discípulos dizendo: *Fazei isto em memória de mim*. Seguindo esse mandato do Senhor, a Igreja dispôs toda a celebração da liturgia em partes que correspondem a estas palavras e gestos de Cristo.

Percebe-se que a celebração eucarística, ao longo dos séculos, sofreu muitas transformações. Estas, por sua vez, possibilitaram aos cristãos experimentar o significado verdadeiro da paixão de Jesus Cristo, buscando ser no mundo uma extensão da sua ação salvadora.

6. AMBRÓSIO DE MILÃO: A CEIA SACRAMENTAL

Ambrósio⁷⁵ foi um grande teólogo estudioso da doutrina dos padres do deserto, das Sagradas Escrituras e dos escritos de Filón e Plotino. Sua grande preocupação teológica foi combater a heresia ariana. Suas obras são verdadeiras fontes de conhecimento dos ritos e da liturgia do seu tempo. Além disto, a sua teologia volta-se para a instrução de iniciação na fé, dando destaque à teologia Sacramental da Penitência, do Batismo e da Eucaristia.

Combatendo as heresias de Ário, que foram consideradas no Concílio de Nicéia em 325, Ambrósio comenta a passagem do Evangelho de Mateus onde Jesus ensina como rezar o Pai-Nosso (Mt. 6,6). Ambrósio ensina que o quarto é o nosso espírito e que o Espírito Santo está em nosso coração como o Cristo também está, e mesmo estando no meio do povo podemos entrar e fechar a porta, aliás, devemos sempre fechar esta porta. Também nos ensina que, quando rezamos, não precisamos elevar a voz gritando, porque se pedimos a quem nos escuta não é preciso gritar; quem grita, imagina que Deus não ouve bem. Assim quem reza em silêncio dá provas e reconhece que Deus perscruta o *coração e os rins*; Deus escuta a nossa oração antes mesmo que ela saia de nossa boca.⁷⁶

6.1. A teologia e a liturgia sacramental

Para Ambrósio, o batismo é o começo de um verdadeiro itinerário para a união com Deus, sendo que a fé vem antes de tudo, (...) *para o cristão, a fé antecede a todo o mais*;⁷⁷ esta fé se refere a uma participação mística que se dá através do Batismo: *Em Roma, são chamados homens de fé, os que foram batizados*.⁷⁸ Para ser batizado é preciso entrar na fonte e ser ungi-

⁷⁵ Nasceu em Trier em 337. Estudou retórica, foi retor na prefeitura de Sírmio e em 370 foi nomeado *Consularis Liguriae et Aemiliae*, com sede em Milão. Foi sagrado bispo de Milão no dia 7 de dezembro de 374. Dentre suas várias obras se destacam: Escritos Exegéticos, Morais, Ascéticos, Dogmáticos; Discursos, Cartas e Hinos; Comentários Sistemáticos do Evangelho de Lucas; Obras Antiarina, Obras da Doutrina Trinitária e Três Livros sobre o Espírito Santo.

⁷⁶ Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO. Os Sacramentos. In *Antologia Litúrgica*: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, V, 2,5-9. 3,11.15.

⁷⁷ Idem, I, 1, 1.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem, I, 2, 4.

do⁷⁹ resgatando assim, a imagem do atleta que ungia seu corpo com óleo para ir à luta.

Ambrósio relaciona o Sacramento do Batismo com a fonte e, principalmente, com uma piscina (Jo 5,1-15), ou seja, a piscina é como uma espécie de túmulo, para daí extrair o sentido de resgate; a água vem da terra da qual tem sua origem e seu fim (1Cor 15,21). O que equivale dizer que todo aquele que é sepultado com Cristo pelo batismo, ressuscita também com Cristo para uma vida nova. Ao ser mergulhado na piscina acreditamos que a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — se faz presente; por isto, somos recebido e mergulhado, para que quando nos levantarmos sejamos ressuscitados.⁸⁰ *É o evocar sempre uma realidade superior.*⁸¹

⁸⁰ Idem, III, 1, 1.

⁸¹ Cf. R. SACHMATA, *A concepção da Igreja como escola na obra de Santo Ambrósio*. São Paulo, Assunção, 1998, p. 336

⁸² Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO, *Os Sacramentos*, op. cit., III, 1, 1.

Após, receber o Batismo, recebe-se o Crisma com a unção na cabeça,⁸² como sinal das virtudes. Tendo participado e recebido estes sacramentos, é então permitido aproximar-se do altar e *ver o mistério* que nunca tinha sido visto antes. É preciso ver-se com o coração, porque com os olhos do corpo vê-se o que é corporal, e no que se refere aos sacramentos, é preciso ver com os olhos do *coração*; para que isso aconteça, é necessário fazer a inscrição: *Cristo tomou da massa e a passou sobre teus olhos* é como marcar-se com o selo espiritual. E se acaso houver algum catecúmeno ou pagão mal esclarecido é preciso examinar a consciência e fazer penitência das faltas, ou seja, reconhecer-se pecador: *não existe homem sem pecado.*⁸³ Dá-nos a entender que a Eucaristia é o sacramento que completa e aperfeiçoa o sacramento do Batismo e que *inaugura o caminho do unir-se a Deus.*⁸⁴ Na Eucaristia o fiel alcança a perfeição da sua união com Deus.⁸⁵

⁸³ Idem, III, 2, 12.

⁸⁴ Cf. R. SACHMATA, *A concepção da Igreja como escola na obra de Santo Ambrósio*, op. cit., p. 337

⁸⁵ Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO, *Os Sacramentos*, op. cit. III, 12, 15

6.2. A espiritualidade da Ceia Eucarística

Segundo Ambrósio de Milão, a Eucaristia é o alimento da eterna duração, de uma graça permanente. Pedro nos diz que o que os anjos desejam ter o que nos foi dado (Eucaristia) e este alimento se o guardarmos tem uma duração eterna que elimina a velhice do nosso pecado e nos reveste com a juventude da graça.

A Eucaristia é um sacramento familiar e instituída pelo próprio Senhor. Eis o que Ambrósio diz:

O mesmo Senhor Jesus proclama: Este é o meu corpo. Antes das palavras celestes de bênção, a palavra indicava um determinado elemento. Depois da consagração, designa agora o corpo e o sangue de Cristo. É ele mesmo que o chama seu sangue. Antes da consagração chamamo-lo com outro nome. Depois da consagração diz-se sangue. E tu dizes: Amém. Ou

*seja, assim é. O que a boca pronuncia, afirme-o o espírito, o que a palavra pronuncia sinta-o o coração.*⁸⁶

⁸⁶ Idem, IV, 5, 21.

É a própria palavra de Cristo que produz o sacramento da Eucaristia. E é por esta mesma palavra que tudo foi feito no céu, na terra, no mar e todas as criaturas.

A palavra de Cristo tem poder de interferir na natureza e suas leis (mistério da Encarnação do Senhor). Sendo assim, é através da palavra de Cristo que acontece a consagração: *Tomai todos e comei isto é o meu corpo* (Lc 14,23). Antes da palavra de Cristo o cálice tinha vinho e água; mas a partir do momento em que as palavras de Cristo agiram tornou-se o sangue que resgatou o povo.

Este sacramento tem a virtude da remissão dos pecados veniais; o que pode ser visto pelo fato de ser tomado sobre a espécie de um alimento nutritivo. A nutrição proveniente do alimento é necessária para o corpo, para restaurar aquilo que a cada dia é gasto pelo *calor natural*. Espiritualmente, porém, em nós é desperdiçado a cada dia algo pelo calor da concupiscência, pelos pecados que diminuem o fervor da Caridade. *Se anunciamos a morte do Senhor, anunciamos a remissão dos pecados. Se cada vez que o seu sangue é derramado, é derramado para a remissão dos pecados. Devo recebê-lo sempre para que ele perdoe sempre meus pecados. Como eu peço sempre, devo ter sempre um remédio.*⁸⁷

⁸⁷ Idem, IV, 6, 28.

A palavra de Cristo, que pode fazer do nada aquilo que não existe, não poderá mudar as coisas que existem naquilo que não eram? Criar coisas não é menos que mudá-las, afirma Santo Ambrósio.

A liturgia ambrosiana mostra toda uma estrutura empregada na formação e preparação das comunidades catecúmenais no que diz respeito à experiência e à vivência dos sacramentos como parte fundamental da fé cristã. Santo Ambrósio vai percorrer toda uma caminhada desde os primeiros ritos de iniciação dos catecúmenos (catequese de preparação para o batismo) até sua última e mais importante expressão na confirmação e propagação da união com o Cristo vividas na Eucaristia.

Toda a catequese Ambrosiana está fundamentada na presença da Santíssima Trindade, como mistério de fé e sinal de salvação para todo os homens.

A teologia apresentada por Santo Ambrósio sobre a Eucaristia define-se como *remédio* para remissão dos pecados, penitência das faltas e proteção contra as tentações. A Eucaristia é o memorial de salvação.

Numa outra vertente teológica, entretanto, a Eucaristia tem o poder de convocar, reunir todos seus fiéis (catecúmenos) para formar assim juntos a Igreja da família.

No quinto livro dos *Sacramentos*, Santo Ambrósio vai apresentar o sacramento da Eucaristia a partir dos elementos (oferendas) do pão e do cálice (vinho e água) como elementos do altar, que serão utilizados para a celebração eucarística e que passarão a ser o Corpo de Cristo. O Corpo de Cristo passa a ser descrito como alimento verdadeiro de salvação: *quem recebe o Corpo de Cristo nunca mais terá fome* (Jo 6,35). Ao mesmo tempo, reconhece-se o Senhor como pastor que dará a paz e o cuidado a suas ovelhas (Sl 22,1-5); acredita-se num Deus que satisfaz todas nossas necessidades espirituais e materiais.

A presença de Cristo como comunhão (hóstia) vem trazer a seus fiéis (catecúmenos) todas as graças celestes levando-nos a comprometer-nos com os sacramentos divinos e a termos plena consciência de tudo. A reunião dos fiéis em torno da Eucaristia traz a alegria e a redenção e com isto consolida a Igreja de Cristo; uma Igreja espiritual e alegre que vive a formação da família em seus fiéis.

7. AGOSTINHO DE HIPONA: CEIA EUCARÍSTICA E PRESENÇA REAL E DE UNIDADE ECLESIAL

Aprofundamos aqui os modelos das práticas litúrgicas e da teologia sobre o Sacramento da Mesa do Senhor, a partir da contribuição teológica de Agostinho de Hipona.⁸⁸ Reconhecemos assim, que a Ceia Eucarística — o Corpo e o Sangue de Cristo —, é a fonte de onde brota todo desejo de unidade eclesial. Vimos, por meio de alguns textos da tradição patrística, o contexto histórico, os ritos e o significado desta tradição para a vida da comunidade cristã hoje.

Percebemos, outrossim, semelhanças e diferenças que há nos vários ritos, e identificamos, no ritual da Ceia Eucarística em Santo Agostinho, elementos presentes no período apostólico, tais como, símbolos, doxologia, epiclese, anáfora, fórmulas rituais e gestualidade (procedimentos litúrgicos), serviços e ministérios.

Tudo o que percebermos e aprendermos a partir da prática litúrgica de Agostinho, em relação à Ceia Eucarística, poderá nos levar a uma reflexão sobre as nossas celebrações eucarísticas hoje. O seu aprofundamento teológico e pedagógico-catequético pode nos orientar quanto à dinamização de nossas celebrações e para melhor inculturar, adaptar e enriquecer os ritos contemporâneos. Com isto, celebraremos com maior criatividade e consciência o Mistério Pascal.

Apresentamos inicialmente, algumas das principais obras de Santo Agostinho. *De Trinitate* é a sistematização da teologia e filosofia cristãs, divulgada entre os anos 400 a 416, em quinze volumes; *De civitate Dei* foi publicada entre os anos 413 a 426,

⁸⁸ Agostinho de Hipona (+430), filósofo da era patrística e um dos maiores gênios teológicos da Idade Média, nasceu em Tagaste (Numídia), filho de Patrício e de Mônica. Em 374, lendo o *Hortensius*, de Cícero, sentiu-se atraído por uma vida menos sensual e mais dedicada à busca da verdade. Fez-se batizar no sábado santo de 387. Em 395, foi sagrado bispo no pequeno porto de Hipona. Ali, então, desenvolveu intensa atividade teológico-pastoral, dando máxima expressão a seus dotes extraordinários no plano da especulação, da exegese e da penetração psicológica da alma humana. Lutou contra as heresias da época: o maniqueísmo, o donatismo, o arianismo e o pelagianismo. Morreu em Hipona em 28 de agosto de 430. Cf. Ph. HUGHES, *Historia da Igreja Católica*. São Paulo, Dominus, 1962, pp. 54-57.

onde são discutidas as questões do bem e do mal, da vida espiritual e material e a teologia da história; *Confessiones* é sua autobiografia, divulgada por volta do ano 400. Santo Agostinho possui ainda muitos trabalhos de questões polêmicas (contra as heresias de seu tempo), de catequese e de uso didático, além dos sermões e cartas, em que ele interpreta minuciosamente passagens das Escrituras. Os textos referentes à Eucaristia são encontrados em alguns de seus *Sermões*, sendo os mesmos uma catequese de aprofundamento dirigida aos neófitos na noite da Páscoa.⁸⁹

A doutrina de Agostinho de Hipona pode ser interpretada a partir de várias perspectivas; uns lêem seus textos na perspectiva da presença real de Cristo,⁹⁰ outros acentuam seu caráter dinâmico e salvador, e outros ainda os aspectos simbólicos e espiritualistas. Analisando seus Sermões relacionados à Eucaristia encontramos três definições e/ou chaves de leitura simbólica:

Em chave *simbólica*, a Eucaristia é sinal e sacramento: *Talvez surja em alguém essa idéia: como pode ser que este pão seja seu corpo e este vinho seu sangue? Estas coisas, meus irmãos, chamam-se sacramentos, porque uma coisa dizem os olhos e outra a inteligência.*⁹¹

A Eucaristia é símbolo de unidade Eclesial, sendo o *corpo* de Cristo sacramento da própria comunidade que a celebra: *Se quereis entender o que é o corpo de Cristo, escutai o Apóstolo: Vós sois o corpo de Cristo e seus membros (1Cor 12, 27). Se, pois, vós sois o corpo e os membros de Cristo, o que está sobre a santa mesa é um símbolo de vós mesmos, e o que recebeis é vosso próprio mistério...*

A Eucaristia é símbolo da relação de Cristo com o receptor, tornando-o *verdadeiro* membro do corpo de Cristo na comunidade eclesial, *místico* corpo eucarístico: *Sede o que vedes e recebei o que sois. É assim que ele quis unir-nos à sua pessoa e consagrou sobre sua mesa o mistério simbólico da paz e da união que deve reinar entre nós.*

No período histórico compreendido entre o I e o IV séculos não aparecem tratados teológicos referentes à Eucaristia, mas alguns *sermões* e *catequese mistagógicas*. Pois, nesta época, a Eucaristia era compreendida como o sacramento que completava a iniciação cristã. No entanto, Agostinho demonstra em seus escritos uma consciência clara da *presença real* de Cristo e de sua auto-doação à comunidade nos dons do pão e do vinho. Não havia discussão sobre a Eucaristia. Entendia-se que ela é um mistério a ser vivido e celebrado como posse da Igreja.

Nos textos usados aqui encontramos uma certa diferenciação entre a linguagem *realista*, que identifica o pão com o corpo de Cristo, e a linguagem simbólica,⁹² onde os dons eucarísticos aparecem como *figura, semelhança, sinal* do corpo e sangue de Cristo.

⁸⁹ Na introdução do Sermão 227 Agostinho cumpre a promessa feita aos recém-batizados de dar-lhes explicação sobre o sacramento da mesa do Senhor. Cf. *Antologia Litúrgica*. Textos Litúrgicos, Patristicos e Canônicos do Primeiro Milênio. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p.918.

⁹⁰ O Concílio de Trento reafirma a presença real assim: *Em primeiro lugar, ensina o Santo Concílio, claramente, e sinceramente confessa que depois da consagração do pão e do vinho, fica contido no saudável sacramento da Santa Eucaristia, verdadeira, real e substancialmente nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e Homem, sob as espécies daqueles materiais sensíveis, pois não existe com efeito, incompatibilidade que o mesmo Cristo nosso Salvador esteja sempre sentado, no Céu, à direita do Pai, segundo o modo natural de existir e que ao mesmo tempo nos assista sacramentalmente com Sua presença, e em sua própria substância em outros lugares, com existência que ainda que apenas o possamos expressar com palavras, poderemos, não obstante, alcançar com nosso pensamento ilustrado pela fé, que é possível a Deus, e devemos firmemente acreditar.* Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO, *Decreto sobre o Santíssimo Sacramento da Eucaristia*, I.

⁹¹ Cf. J. ALDAZÁBAL, *A Eucaristia*, op. cit., p. 164.

⁹² Idem, p. 168. Hipólito, Ambrósio, Agostinho fazem uso da linguagem simbólica.

O pão e o vinho não são mencionados como símbolos ou imagens da Eucaristia no Ocidente. Pois, no decorrer dos séculos seu conteúdo se *desvalorizou*, já não expressando nem refletindo a fé que a Igreja dedicava à Eucaristia, desde a primeira geração.⁹³ Percebeu-se que o esvaziamento do sentido originário das palavras *imagem*, *símbolo* e *sinal* causou uma certa tensão entre a teologia realista e a simbolista da Eucaristia. Sendo que o termo utilizado anteriormente foi *sacramento* e ultimamente *memorial*. Para Agostinho, o *símbolo* não exclui a *realidade*: pois o próprio símbolo é a forma de presença indizível de Deus em nossa vida. Crer que Cristo é *ícone* de Deus Pai é consolidar uma realidade e não uma mera semelhança.

A Eucaristia é um sacrifício. A tradição patrística, tanto no Oriente como no Ocidente, sublinha em modo particular este aspecto. O Antigo Testamento confirma que o povo judeu e algumas religiões pagãs ofereciam animais ao realizarem sacrifícios, visando assim a reconciliação entre o humano e o divino⁹⁴. Os cristãos oferecem a própria vida como verdadeiro culto a Deus, fazendo assim um memorial do um único sacrifício.⁹⁵

Sendo a Igreja corpo de Cristo, chamada por Agostinho de *totus Christus*, a Eucaristia, como símbolo da unidade dos Cristãos, torna-os membros da cabeça. *E a Eucaristia não é só o melhor e mais expressivo sinal desta união, mas também o momento em que mais se reforça e se realiza o momento culminante de máxima identificação entre a comunidade e seu Senhor.*⁹⁶

A Eucaristia é verdadeiramente o mesmo sacrifício do Senhor na cruz. Todas as indicações provenientes da narração histórica da última ceia testemunham que, com a expressão *este é o meu Corpo e este é o meu Sangue* (1Cor 5,7), Cristo se referia a si mesmo como Cordeiro Pascal. Esta identificação de Cristo com o cordeiro pascal era tão difundida na Igreja primitiva, que fora repetida sem ulteriores explicações não somente por Paulo, mas também por outros textos da época apostólica⁹⁷. Não é, pois, casual que no linguajar litúrgico da Igreja, tenha prevalecido o costume de chamar *cordeiro* o pedaço de pão destinado a mudar-se em Corpo de Cristo, no decorrer da celebração eucarística.

Pode-se admitir que as experiências vividas nas comunidades cristãs dos primeiros séculos contribuem para a formação de diversas dimensões pastorais e levam-nos a refletir sobre a sua importância hoje: reunia-se em casas particulares; escutava-se a palavra na própria língua (a mudança da língua grega para o Latim); faziam-se as leituras em voz alta; realizavam-se as orações em comum e tomavam a comunhão sob as duas espécies.

A reunião eucarística tem lugar no dia de domingo, seguindo a linha que já aparecia no Novo Testamento. Mas já em

⁹³ Idem, p. 168.

⁹⁴ O sacrifício do cordeiro pascal tem suas raízes na saída de Israel do Egito (Ex 12,6). No caso, porém, da última ceia, é claro que não se trata simplesmente de fazer memória e repetir o sacrifício do cordeiro do Êxodo, como acontecia em cada celebração da páscoa hebraica, mas do sacrifício do Cordeiro pascal final, escatológico. Isto é testemunhado por muitos elementos com os quais está entremeada a narração da Última Ceia nos Evangelhos, como também pela prática litúrgica da Igreja Antiga.

⁹⁵ É o sacrifício único de Cristo que se faz presente. Pois a idéia central da doutrina eucarística da era patrística, sobretudo dos Padres gregos, é o conceito *memorial-anamnese*. Cf. J. ALDAZÁBAL, *A Eucaristia*, op. cit., p. 169.

⁹⁶ Idem p. 170.

⁹⁷ Cf. Jo 1,29.36; 1Pd 1,19; Ap 5,6.12; 12,11.

Ambrósio e Agostinho aparecem indicações de que a celebração vai sendo realizada com certa freqüência, e até mesmo diária, em algumas regiões.

Por fim, percebe-se que toda a importância do simbolismo aprofundado por Santo Agostinho sobre a Eucaristia como sacramento da própria comunidade traduz a *eficácia unificadora* da participação na Eucaristia, que é afirmada com vigor pelos Padres da Igreja, mas talvez ninguém tenha insistido tanto sobre o aspecto unitivo do *sacramentum amoris* como Agostinho. A virtude própria deste alimento, afirma ele, é a unidade. Uma unidade tal que, ao recebermos o seu corpo, nos tornamos em seus membros: *nós somos aquilo que recebemos. Por isso, é necessário ver neste alimento e nesta bebida a sociedade do seu corpo e dos seus membros, ou seja, a Santa Igreja.*⁹⁸

⁹⁸ Cf. AGOSTINHO, Sermo 57. In *Patristica Latina* 38, 389.

CONCLUSÃO

Em resumo, estes textos da tradição patrística levaram-nos a descobrir que as comunidades da Igreja Primitiva celebravam a Eucaristia com muito entusiasmo e muito dinamismo. Descobrimos também que elas partilhavam seus dons e seus bens na vida cotidiana. Com certo espanto, descobrimos também que as comunidades tinham grandes problemas concernentes ao ritual e ao testemunho da vida cotidiana.

A imagem romântica que cultivamos das comunidades primitivas deve ser redimensionada, pois os textos revelam que as dificuldades sempre existiram e, em muitos momentos, a adversidade e as incoerências tornam-se dramáticas. Os escritos descrevem problemas das comunidades, como ciúmes, inseguranças e brigas, com divisões e confrontos. A Ceia Eucarística acontece em *comunidades caminhantes*. A busca da coerência de vida e da vitalidade sacramental é uma conquista cotidiana, que é a utopia para todos os fiéis.

A percepção da elaboração do ritual sacramental da Ceia Eucarística, que vai se edificando conforme os apelos dos fiéis que a celebram, congregando elementos culturais, simbólicos e lingüísticos, nos permite acreditar que o ritual da Ceia é sempre dinâmico e exige formas renovadas para integrar-se na vida dos povos e expressar o mistério pascal de nossa fé nas expressões religiosas e simbólicas de nossas comunidades a partir de suas experiências e de suas raízes.

Cavando raízes, compreendemos as ramagens dos ritos, através das suas origens mais profundas e históricas. Pelas raízes, entendemos os propósitos da Ceia Eucarística, desde os tempos mais remotos, a partir da experiência ritual celebrada por Jesus Cristo e seu discípulado.

Os elementos rituais e teológicos, com o tempo e circunstâncias, evoluíram e trouxeram novas perspectivas. Em algumas dimensões, houve uma involução e temos que recuperar a genuinidade do evento primordial da Ceia. Torna-se necessário a recuperação da *familiaridade* da Ceia Eucarística, a superação do formalismo rígido e da repetitividade estática, em favor de uma nova espontaneidade e da criatividade.

Aprendemos que a Ceia sempre esteve vinculada com a partilha dos bens e da fraternidade. Também compreendemos que a ceia nos leva à convivência e à partilha, para edificarmos a comunidade. A Ceia é o ritual da unidade, mas não como pretexto de exclusão dos diferentes e dos imperfeitos na vida cristã, mas para congregar *os povos diferentes* ao redor da mesma oferenda: a vida de Jesus Cristo, presente do mundo para Deus Pai.

Esta retrospectiva às comunidades que celebraram o ritual da Eucaristia e elaboraram sua teologia, nos ensina que é urgente uma harmonia entre o ritual simbólico e a comunidade viva, para que a Eucaristia possa ser a fonte que sacia a sede de Deus dos fiéis e o ponto mais elevado da vida espiritual cristã. Somente celebrações que integrem o mistério divino e a história nos levarão à conversão permanente de nosso projeto de vida e serão fermento e luz na sociedade. A contradição entre a *simbólica* teologia eucarística e a vivência da comunidade banaliza o ritual torna infecunda a celebração da Ceia Eucarística. Esta mística eucarística nos levará ao encontro dos pobres e transformará a sociedade. A ceia eucarística é profecia de partilha numa estrutura social e política de poses e dominações. Todos somos convocados para a Ceia, mas é preciso preparar o pensamento e o afeto para promover a verdadeira união com Deus, que se encarna, por Jesus Cristo, nos irmãos e irmãs.

O ritual da Ceia mais próximo do convívio, sem deixar sua dimensão sacrificial, nos *provoca* a celebrar a ceia como partilha da vida e dos projetos do Reino e não como assistentes de um ritual de holocausto. Sendo assim, a ceia sob as duas espécies é uma forma mais eficaz, senão a *coditio sine qua non* para a sua integração ao evento primordial.

Vivemos a Ceia como encontro com Deus, por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Este encontro nos remete ao seu povo, seus pobres e seus pecadores.

A celebração da Ceia do Senhor é um encontro maravilhoso com Deus e não pode ser aprisionado nas limitações de rituais estéreis ou comunidades conflitivas. O ritual e a comunidade são instrumentos do encontro verdadeiro com Deus, presente nas espécies eucarísticas.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1981.
MISSAL ROMANO — INSTRUÇÃO GERAL AO MISSAL ROMANO. São Paulo/Petrópolis; Paulinas/Vozes, 1992.

Fontes da Patrística

- AGOSTINHO DE HIPONA, *De Trinitate, De civitate Dei, Confessiones, Sermo 57, PL 38.*
AMBRÓSIO DE MILÃO, *Os Sacramentos*, in *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógica*, in: *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
DIDAQUÉ, *O catecismo dos Primeiros Cristãos para as Comunidades de Hoje*. Petrópolis: Vozes, 2003.
HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*. Petrópolis, Vozes, 2003.
IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, Coleção Patrística, São Paulo, Paulus, 2002.
JUSTINO DE ROMA, *Apologia I — II, Diálogo com Trifão*, Coleção Patrística. São Paulo, Paulus, 2002.
PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis, Vozes, 2003.

Estudos temáticos

- ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis, Vozes 2002
ALTANER, B. — STUIBER, A., *Patrologia*. Petrópolis, Vozes, 2003.
ANTOLOGIA LITÚRGICA: Textos Litúrgicos, Patristicos e Canônicos do Primeiro Milênio. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
BERTHOLD, A — STUIBER, A., *Patrologia*. São Paulo, Paulinas, 1972.
BIHLMeyer, K. — TUECHLE, H., *História da Igreja e da Antiguidade Cristã*. São Paulo, Paulinas, 1964, vol. 1.
BOROBIO, D. (Ed.) *A celebração na Igreja*, 2. São Paulo, Loyola, 1993.
COLA, S., *Operários da Primeira Hora*. São Paulo, Cidade Nova, 1987.
DI BERNARDINO, A. (Ed.), *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Paulus, 2002.
FIGUEIREDO, F. A., *Curso de Teologia Patristica I — II — III*. Petrópolis, Vozes, 1983.

- HAMMAN, A., *Os padres da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1980.
- HUGHES, P., *Historia da Igreja Católica*. São Paulo, Dominus, 1962.
- MALDONADO, L. *La plegaria eucarística: estudio de teología bíblica y litúrgica obre la misa*. Madrid, BAC, 1967.
- PADOIN, G., *O Pão que Eu Darei*. São Paulo, Paulinas, 1999.
- QUAESTEN, J. *Patrologia I*. Madrid, BAC, 1961.
- SACHMATA, R., *A concepção da Igreja como escola na obra de Santo Ambrósio*. São Paulo, Assunção, 1998.
- SOLANO, J. *Textos eucarísticos primitivos*. Vol. 1 Madrid, BAC, 1952.
- _____. *Textos eucarísticos primitivos*, vol. II. Madrid, BAC, 1954.
- STORNILOLO, I., *Padres Apostólicos, Inácio de Atioquia*, São Paulo: Paulus, 1995.
- TRIACCA, A. M. — SARTORE, D.(Eds.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulus, 1992.